

## A mundialização da Ayahuasca, II Conferência Mundial da Ayahuasca

21 de Outubro de 2016, Siã Huni Kuin

Vou falar sobre a história da ciência da floresta dentro do conhecimento hunikuí, na faixa de fronteira Brasil e Peru, o Rio Jordão. Uma pequena história do nixipay = cipó- forte. Desde o início temos descoberto vários tipos de ciências no Brasil e fora do Brasil.

A humanidade e a natureza vêm sobrevivendo todos os dias com o giro de iluminação da Terra e do Sol. Assim estamos buscando, cada dia, sonhando e adaptando com a experiência da vida humana, com a natureza, na convivência entre todas as etnias do mundo.

Cada grupo tem seu próprio conhecimento e significado para seus objetivos quem vem da raiz de seus antepassados, mas, também da história presente. Os ensinamentos vêm através de vários meios: vem do sonho, vem da convivência com a natureza, com as plantas, água, terra, vento, floresta, bichos. Os ensinamentos vêm também através dos conhecimentos trocados entre diferentes etnias e os saberes próprios dos viventes que são a geração nesse planeta.

Esses ensinamentos e conhecimentos de aprendizagem foram adquiridos no decorrer do tempo, nas passagens pela natureza.

Assim fomos vivendo, com tempo da natureza. Como até hoje nosso povo vive, sem contato. Dentro da floresta, com uma vida digna, sem os muitos impostos do mundo desenvolvido. Somos exemplo de toda natureza brasileira.

Nas localidades onde habitamos hoje tentamos recuperar o que foi destruído no passado.

Estamos tentando recuperar, da melhor forma possível, através do reconhecimento do mundo espiritual indígena no Brasil e no mundo. Vivendo com igualdade junto à natureza sem agredi-la temos vivido dignamente com

ela até agora. Nunca destruímos nem um metro quadrado, e ainda nos integramos na adubação da terra, dos seres humanos.

Assim fomos vivendo e encontrando aqueles que foram chegando perto da gente como portugueses e outros povos com pensamento contrariados de destruição da natureza e não para sua conservação.

Foi bem difícil de enfrentar esses povos com suas armas pesadas. E nós, com as nossas flechinhas nativas. Os grandes líderes foram exterminados e outros sobreviviam fugindo deles.

As sabedorias espirituais e orais continuaram. Aqueles que escaparam dos destruidores de vida humana na busca de riquezas naturais foram seguindo a força da lua e do sol, estrela, água, terra, floresta. Aprendendo a viver com mãe natureza, aprendendo com todos os seres que encontramos do pequeno ao grande, o viver de cada etnia é saber sobreviver conforme seu habitat.

Sabemos que cada um tem seu tempo igual e a sua carreira de vida. No tempo de cada um buscamos a sabedoria de cada um na vida: na vida da liderança, do professor, daqueles que lidam com saúde, agricultores, pajés, artistas, curadores, artesãos, parteiras, caçadores, pescadores, viajantes, sonhadores.

Na busca dos guerreiros um sempre sai vitorioso, campeão. Tem outro que perde por seus próprios negativos.

Aqueles que são vitoriosos até hoje estão na história. Mas o final vale para todos.

Sempre continuamos aprendendo. O primeiro caminho é fácil e difícil por estar se indo pela primeira vez.

Às vezes as pessoas são muito vazias. A prova que temos na nossa história é a narrativa do kuin dumey tnyini. Ele é um guerreiro muito sábio de vida, **dubykûn nite bykû, Dantã ika Kanã yuxibu, piru biski mynku yuxibu.**

**Yawabainibu, yawaxikunawa, shawambur e outros e outros.** **Dua bushen** transformou na geração passada ele fazia de conta que não entendia nada, mas, ele sacava tudo. **Dua kaky** era metido nas coisas que ele encontrava. Ou difícil ou fácil, ele enfrentava.

Vivia numa comunidade tinha esposa e três filhos. Nesse tempo os animais se falavam entre si e existia todo tipo de medicina. Mais ainda não se conhecia o **nixi pay**, santo daime, vegetal, ahawasca... Que é tudo o mesmo chá.

Um dia, a família não tinha nada para comer e ele foi dar uma volta à procura de janta. Ele acha um pé de jenipapo comido pelas caças. Ele faz uma tocaia, na beira do **manã yã**, ou seja, no lago de terra firme, perto da aldeia. Ele ficou esperando a caça. Com um pouco mais se mexeu a mata e quando ele viu, era anta pegando fruta e jogando dentro do lago falando **rari mim atibu kai**.

Fez isso três vezes e com um pouco mais, lá vem a sereia mais bonita do mundo. O anta e a mulher jiboia se encontram e **Dua byshen** vendo tudo, escondido. A mulher jiboia se foi e a anta foi também e ele se foi também para casa.

Lá ele chegou bem tarde já pensando na jiboia encantada. Na sua casa ele deu pouca atenção para sua família. Dormiu cedo; a rede atada bem encima de todos. Bem cedo, no outro dia se mandou para a tocaia. Chegando lá, além de esperar a caça, ele fez como a anta fez. Pega três jenipapos **rari men yuno bimi kai** e joga dentro do lago.

Ele correu e se escondeu atrás do pau. Com um pouco mais a sereia boia e procura. Não encontrando ninguém ela pergunta: - Cadê você que me chamou, chamou três vezes. O outro apareceu e disse: - Fui eu quem chamou e agarrou- a.

Como era encantada, ela se virou numa fera. Mas, ele não a soltou. A cobra parou e perguntou o que ele queria. O homem disse que queria ficar com ela, tê-la por esposa, estava interessado nela. Ela fez acordo e levou ele

para sua base. Lá, foram convivendo e fizeram três filhotes de jiboia; filhas do Dua bushen.

Ate que um dia fizeram o preparo de ayahuasca. Ele, então, perguntou à mulher o que estavam fazendo. É o preparo do nixi pay, nós vamos tomar hoje. Dua bushen pergunta: - Eu posso participar. A encantada disse que ele não pode participar.

Na hora da cerimônia, lá pelas oito horas da noite, começaram a tomar nixipay. Dua bushen queria tomar, mas, a jiboia dizia que a bebida era forte e que ele não podia tomar.

Assim mesmo, ele tomou e com trinta minutos, ele começou a se quebrar por todos os lados com a própria cobra grande. Ai a sua mulher se enrolou e cantou para ele...

Ea burom yabuni, yuby baú yuākî txanimatã, yuākî, yuby baú yuākî yuby txanimashûkî, yuby txanimashunû, tua ibiraitû, unu mania iakytã, Mem byne shâkinî, pay keyu inashû, hayashubi yuākî, yuby baú dewemê, yanu yuâshunamê kynã hanu tapîkî, me byny shâkini, hanu pay tapîkê, tanaibirawê yuby baú yuākî, hanu yuâshunamê, nai mãpu yubykã, yuby baú yuākî e a burû yabni yuxî hûto yubykã, hanu yuâshunamê, tua ibiranaitû, bynikãwã nîkapu , mia pây yayua, mai kiri byshutã, habytabi yuākî, yuby yâshunamê, tua ibiranaitû yuxî hûtu yubykã hanu txanimashuã yub txaiashuã, me bynishâkini,yuby keyu inatã, hatûbi sheani, yuby baú sheani habytabi sheatã, nawa huni sheashû yuby sheashû, hanu huu ashuã yuby huu ashuã tua ibiranaitû serin iwanã, meia burû yayua, habtabi yuākî, em masuatûri habytabi yuākî pay yuâshunamê, yuby maikiribyshutã, hanu buakamêshû habytabi yuākî,yuby baú yuākî,yuby yuâshunamê yuby huashû, tua ibiranaitû, nawa iakitû e a inû ikama ewã ikaiyanuri yuby baú yuākî hanu yuâshunamê yuby katykamaki pay inakawâshû yuby huashuã tua ibiranaitû habytabi sheani há sheanikymê hatûbi inani yuby baú inani hawê xinã inani huiymarashû yuby baú yuākî yuby yuâshunamê iskawashû yuākî nawa iaikatû pay txanimashunû tua ibiranaitû nawa iaikatû

Até que ele ficou bom e não esqueceu mais a cantoria. Com duas semanas ele foi tirar lenha para casa no aceiro do seu roçado e encontrou com o bodó preto da loca. O bodó falou: - Txai, como vai.

O **Dua bushen** diz: - Nada bom, **txai**, estou passando aperto. Eu queria ver a minha família da floresta. O bodó respondeu: - Isso e fácil **txai**. A sua família me atacou para tentar me pegar, mas, eu consegui escapar. Se você quiser ir até lá, eu dou um jeito, mas, deve ficar no segredo. Fecharam acordo e o bodó preto levou **Dua bushen** até a sua casa onde ele havia deixado a sua família.

Foi a maior alegria o reencontro com a família. Ele contou todas as histórias que passou lá no encanto. Por noventa dias permaneceu com sua família da floresta.

Certo dia faltou comida para jantar e ele foi procurar na floresta. Perto de sua casa, ele encontrou um quatipuru vermelho e mandou flecha. Não acertou e foi procurar sua flecha na beira do lago. Por lá, o filho menor da jiboia encontrou o pai e mordeu-o na ponta do pé.

Fez **serin serin iunã**, chamando a mãe e os irmãos. Demorou um pouco e chegaram a mãe jiboia e as duas cobrinhas. A mãe engoliu-o até o meio do corpo e ele ficou gritando ao seu povo da terra. Socorreram ele que estava com o corpo todo quebrado.

Levaram ele para sua casa na terra. La ainda viveu duas semanas e fez o preparo do chá e cantou para seu povo o que tinha aprendido. Ele falou: - Quando eu morrer, depois que me enterrarem, completando três anos, vocês vão até a minha sepultura me visitar. Vão encontrar o pé de **nixi pae**.

E eles encontram o pé de cipó e fizeram seu preparo para encontrar **Dua bushê nixi pay** cipó forte. Foi assim que buscamos o nosso brilhante **nixi pay** e a nossa medicina da floresta ate agora e continuamos usando com a maior responsabilidade.

Essa bebida não é de qualquer jeito que se toma; é com respeito.

Ela é uma matemática dentro da vida humana. Ela não domina ninguém, só coloca a gente no caminho correto. Seguir com firmeza, respeito, a dignidade de viver em paz com seus familiares, sem violência.

Depois de tudo isso que aconteceu no passado e presente, o conhecimento indígena expandiu no mundo inteiro, bem como, no Brasil e em cada Terra Indígena, nos municípios, na capital. Vamos unificar para funcionar com a responsabilidade essa nossa medicina da vida humana.